

CONTAÇÃO DE HISTÓRIA INCLUSIVA, PROJETO “CONTAGEO: UMA AVENTURA ÀS CEGAS”

Ianara Raine Martins Mota (1); Luiza Valdevino Lima (1); Karolyne Luna do Nascimento (2);
Marla Vieira Moreira de Oliveira (3); Martha Milene Fontenelle Carvalho (4)

Universidade Regional do Cariri; ianararayne@gmail.com

Universidade Regional do Cariri; luiza.valdevino10@gmail.com

Universidade Regional do Cariri ; Marla.vieira@urca.br

Universidade Regional do Cariri ; Karolyneluna18@gmail.com

Universidade Regional do Cariri; marthainclusao@gmail.com

Resumo: O referido trabalho realiza uma abordagem acerca da contação de história inclusiva voltada para o público infantil. Pois, no contexto atual é necessário discutir práticas inclusivas que perpassem modificações que vão desde a educação infantil até o ensino superior. Nessa perspectiva foi desenvolvido o projeto na Universidade Regional do Cariri (URCA) intitulado “CONTAGEO: Uma Aventura às Cegas”, que tem como objetivo apresentar uma visão diferenciada em relação à pessoa com deficiência, apresentando para eles uma história onde a personagem principal é cega. Uma libélula cega que faz uma viagem para conhecer os Geossítios da Região do Cariri. Quebrando a ideia de diferença, levando uma percepção de igualdade e de capacidade. Desenvolvendo através da contação de história, a importância da inclusão e entender as possibilidades de percepção e desenvolvimento de uma pessoa com deficiência visual e entender a necessidade de preservação dos Geossítios presentes na região. Para execução do projeto utilizamos os respectivos materiais: Datashow, notebook, gesso para a construção das réplicas de fósseis da libélula, vendas, tintas, água, pó xadrez, corante nas cores marrom e amarelo e pincéis. Na experiência inclusiva, tivemos momentos envolvendo a contação de história para os alunos do Ensino Fundamental, visando o desenvolvimento de práticas de inclusão e sensibilização. Os encontros aconteceram no Centro de Interpretação e Educação Ambiental (CIEA), localizado no parque de exposições Pedro Felício Cavalcante no município de Crato-CE. Com o projeto buscamos sensibilizar o público infantil, bem como a concepção de igualdade e a compreensão acerca das riquezas naturais locais.

Palavras-chaves: contação, deficiência visual, inclusão, Geopark Araripe, Literatura Infantil.

Introdução

Na realização do projeto “CONTAGEO: Uma Aventura Às Cegas”, uma contação de história inclusiva voltada para o público infantil, fez – se necessário saber o quanto é importante a literatura estar presente na vida da criança, mesmo para aquelas que ainda não sabem ler, pois podem despertar a fantasia

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

www.cintedi.com.br

favorecendo o seu desenvolvimento. Sabendo que a literatura é um dos recursos mais utilizados para o desenvolvimento do imaginário infantil e compreensão da realidade, é necessário que as histórias escolhidas atendam às necessidades reais da criança.

Segundo Bettelheim (1996, p. 13)

Para que uma história prenda realmente a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade, mas, para enriquecer a sua vida deve estimulá-la a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras as suas emoções; estar harmonizada com as suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam.

A imagem é um recurso indispensável ao desenvolvimento do imaginário, e é um recurso lúdico considerado eficiente e amplamente utilizado entre os educadores. Dessa forma, o livro de imagens, em uma forma narrativa não verbal, é um recurso muito utilizado nas séries iniciais do Ensino Fundamental, desempenhando um papel importante no desenvolvimento do imaginário e no uso da criatividade. No entanto, no que se refere ao desenvolvimento do imaginário, sem o sentido visual, parece impossível para uma criança cega explorar todo o seu potencial criativo, pois, em um mundo que tem como prioridade a visão na transmissão de conhecimentos a possibilidade de uma criança com deficiência visual compreender a realidade pode parecer algo inimaginável.

Contrariando essa questão, José Spinola Veiga apresenta em seu livro “A vida de quem não ver”, conceitos que desmistificam a compreensão do que significa “não enxergar”. Ele afirma, Veigac (1946, p.55) “Ver, não é fazer ideia; é ter elementos para formular o seu conceito, variável de um indivíduo para outro. Assim o cego formula o seu conceito, não do que vê, mas do que ouve.” Se a criança vidente utiliza as imagens para o seu desenvolvimento, a criança cega faz uso a partir dos elementos táteis.

Visto que, no contexto atual é necessário discutir práticas inclusivas que perpassem modificações que vão desde educação infantil até o ensino superior, foi desenvolvido o projeto que teve como coordenação a professora Martha Milene Fontenlle, na Universidade Regional do Cariri (URCA) em parceria do Geopark Araripe intitulado “CONTAGEO: Uma Aventura Às Cegas”, que tem como objetivo desenvolver através da contação de história, a importância e a necessidade de preservar os Geossítios, e também entender as possibilidades de percepção e desenvolvimento de uma pessoa com deficiência visual.

Metodologia

Na experiência inclusiva tivemos momentos envolvendo a contação de história visando o desenvolvimento de práticas inclusivas, como também o conhecimento relacionado às riquezas locais do Cariri. Os encontros aconteceram no Centro de Interpretação e Educação Ambiental (CIEA), localizado no Parque de Exposições Pedro Felício Cavalcante, no município de Crato-CE. No âmbito da metodologia para a execução do projeto, utilizamos os respectivos materiais; água, gesso para a construção das réplicas de fósseis da libélula; pó xadrez; moldes; vendas; corantes nas cores marrom e amarelo; pincéis.

Tendo em vista que a personagem principal da história é uma libélula cega, que um dia resolveu viajar para conhecer os Geossítios, e saber dos problemas que cada um sofre por conta da ação indevida da sociedade. Em cada parada nos Geossítios era vista a questão cultural, histórica e a importância que cada um tinha para a sociedade. A contação durava em cerca de quarenta minutos a uma hora e era feita para turmas entre 30 e 50 alunos de escolas públicas e particulares que iam desde o Ensino Infantil ao Ensino Fundamental, e ao final de cada contação, acontecia a pintura da réplica de fóssil da libélula, onde se discutia sobre a importância da preservação dos Geossítios e a importância também do não tráfico de fósseis.

Com isso, buscamos levar através da contação de história inclusiva, a importância e a necessidade de preservar os geossítios e entender as possibilidades de percepção e desenvolvimento de uma pessoa com deficiência visual.

Resultados e discussão

A relevância da Literatura Infantil na educação inclusiva

A literatura infantil é um instrumento relevante para a aprendizagem da criança e além de auxiliar na construção do conhecimento pode também ser utilizada com o objetivo de promover a inclusão de crianças com deficiências. Tendo em vista que tudo que é novo atrai a curiosidade das pessoas, especialmente das crianças, a literatura pode ser um recurso importante para o ensino de valores colaborando para o convívio de crianças com ou sem deficiência. Conforme descreve Zardo e Freitas *apud* Silva; Simplicio (2009):

A literatura infantil pode ser o cerne da construção de uma educação inclusiva, pois operando a partir de sugestões fornecidas pela fantasia e imaginação, socializa formas que permitem a compreensão dos problemas e demonstra-se como ponto de partida para o conhecimento real e a adoção de uma atitude que valorize as diferenças e as particularidades. (Zardo e Freitas, 2004, *apud* SILVA; SIMPLÍCIO, 2009).

A criança que tem contato com a leitura, aprende a se comunicar e se relacionar com outras pessoas, essa prática pode ser considerada importante para a socialização da criança e auxilia significativamente os pensamentos, as ideias, as atitudes e as emoções. Além disso, a literatura pode proporcionar à criança um amplo desenvolvimento e raciocínio, além de despertar o prazer pelo ato de ler. Assim, Bakthin (1992) aborda que a literatura infantil é um instrumento motivador e desafiador, e que ela é capaz de transformar o indivíduo em um sujeito ativo, responsável pela sua aprendizagem, capaz de compreender o contexto em que vive e modificar de acordo com a sua necessidade.

A literatura infantil voltada para o âmbito da inclusão, proporciona descobertas e floresce o imaginário da criança. Para uma criança com deficiência visual, por exemplo, além da contação de história também pode-se usar outros recursos para que auxiliem na sua interação, tais como objetos táteis, que irão ser de suma importância para melhor compreensão acerca da contação. Como também, pode-se usar a literatura para tratar da inclusão protagonizando personagens que possuam algum tipo de deficiência, pois é preciso educar as pessoas desde cedo, mostrando que todos têm o direito de serem tratados com igualdade.

Visto que é necessário e importante, para a formação da criança que não possui deficiência, ter uma percepção de realidade diferente da sua, onde vai haver um aprendizado e um olhar mais sensível voltado para a inclusão, através da leitura a criança exerce o seu papel como cidadão sem que ela tenha preconceito ou discriminação. Como também é importante formar indivíduos cientes sobre a educação inclusiva, na qual todos devem aceitar e reconhecer que cada pessoa possui diferenças.

Contudo a literatura infantil contribui para que as crianças compreendam valores sociais que as inserem na sua realidade. Onde se mostrem novas maneiras do existir e agir, conhecendo novas possibilidades de interagir com o outro e assim, tornando prazeroso o ato de ler. De acordo com Silva (1992, p.57) “Bons livros poderão ser presentes e grandes fontes de prazer e conhecimento. Descobrir estes sentimentos desde cedo, poderá ser uma excelente conquista para toda a vida.”.

O Geopark Araripe e os Geossítios

“Um Geoparque é uma área territorial com limites claramente definidos, que inclui um notável patrimônio geológico, associado a uma estratégia de desenvolvimento sustentável. Um Geoparque deve possuir um determinado conjunto de sítios de importância internacional, nacional e/ou regional, que permitam contar e aprender a história geológica da região. Os geossítios são locais de interesse geológico com valor científico, estético educacional ou econômico. Um geoparque deve também dar destaque à proteção e divulgação dos valores arqueológicos, ecológicos, históricos e culturais da região.”.

O Geopark Araripe foi criado pelo o Governo do Estado do Ceará em 2006, a partir de iniciativas de pesquisadores da URCA – Universidade Regional do Cariri, e teve o reconhecimento pela a UNESCO em setembro do mesmo ano, quando este geoparque passou a integrar a Rede Mundial de Geoparques.

O Geopark Araripe é o único geoparque do Brasil e das Américas. Está localizado no Nordeste na divisa dos estados do Ceará, Pernambuco e Piauí, na Bacia do Araripe. Encontra-se num território de 3.796mk², e engloba parte de seis municípios: Juazeiro do Norte, Barbalha, Missão Velha, Crato, Santana do Cariri e Nova Olinda. (Duarte 2011, Silveira et al. 2012). O Geopark Araripe possui um rico registro fossilífero do período Cretáceo, o que proporciona grandes estudos paleontológicos e evolutivos, auxiliando nas interpretações e reconstituições sobre a história da terra.

“Mas um Geoparque não é um simples espaço natural, sem presença humana. Ele não é uma “Reserva Natural”, muito menos uma “Reserva Geológica”. O Geoparque é um território “vivo”, resultado do encontro entre o Homem, a Natureza e o Tempo. O tempo do Homem e o tempo da Terra”.

O Geoparque Araripe possui como principal objetivo promover o desenvolvimento da região metropolitana do Cariri, seguindo as diretrizes da UNESCO. O mesmo desenvolve na região uma série de programas educacionais, incentivando tanto a pesquisa regional quanto o estabelecimento de atividades econômicas, como, por exemplo, o setor do turismo. Outra característica encontrada nas imediações do Geopark Araripe é a conservação da biodiversidade e seus recursos naturais que, juntamente com a beleza cênica, promove o ecoturismo local (Vilas-Boas 2012).

“A educação ambiental é um dos principais programas do Geopark Araripe e está voltada para a integração das comunidades do território à estratégia de desenvolvimento, através do fortalecimento social e conservação do patrimônio natural e cultural. Parte dessa área se deu com a criação do Centro de Interpretação e Educação Ambiental (CIEA), que se encontra no Parque de Exposições do Crato. O lugar é um centro permanente de interpretação ambiental, com temas regionais apresentados de forma lúdica, como incentivo à visita ao Geopark Araripe”.

No CIEA também acontece oficinas educativas, como a pintura do Soldadinho do Araripe, contações de histórias e pinturas de réplicas de fósseis, onde sempre é discutido e trabalhado a importância de preservar os geossítios e do não-tráfego de fósseis.

“No Geopark Araripe existem, atualmente, nove geossítios com estruturas para apoiar uma utilização turística e educativa. Estes geossítios caracterizam diferentes períodos do tempo geológico desta região, registrando a evolução histórica da Bacia Sedimentar do Araripe. Entre os geossítios, alguns apresentam relevante interesse científico, como os geossítios Parque dos Pterossauros, Floresta Petrificada do Cariri e Pedra Cariri. Outros se destacam também por apresentar, além do interesse geológico, interesse histórico-cultural, como os geossítios Colina do Horto, Ponte de Pedra, Cachoeira de Missão Velha e pontal de Santa Cruz; e outros pelo elevado interesse ecológico, como Riacho do Meio e Batateiras.”.

Tivemos como resultado um público mais sensibilizado com a temática inclusiva, sabendo que independente da deficiência que uma pessoa tem, não a torna incapaz de fazer qualquer coisa, assim como uma pessoa que não possui deficiência. É de suma importância que as crianças aprendam desde cedo a respeitar e interagir com uma criança cega, fazendo com que esta não se sinta excluída no âmbito escolar.

No entanto, quanto mais diversificado for o acesso da criança cega aos elementos que a cercam, maior capacidade imaginativa ela terá, como também melhor será o uso de sua criatividade e maior será sua compreensão de realidade.

Tornando assim possível o desenvolvimento do imaginário de uma criança cega, pois o desenvolvimento não depende somente de sua capacidade cognitiva e tátil, mas das oportunidades que lhe são disponibilizadas durante todo o seu processo educativo de descoberta de mundo. Bem como o conhecimento dos Geossítios presentes na Região do Cariri, que até então poucos tinham conhecimento sobre as riquezas locais, e sempre visando a importância de preservá-los, pois neles não estão somente a nossa história, mas também o processo de formação de tudo o que temos hoje.

Conclusão

A contação de história inclusiva tem papel importante na educação de crianças com deficiência. É necessário desenvolver sempre mais projetos que englobem esse público, pois assim, estaremos contribuindo cada vez mais para a inclusão acontecer.

Tendo em vista os bons resultados que o projeto proporcionou, faz-se necessário um aprimoramento do mesmo, pois mesmo com bons desempenhos sempre há a necessidade de melhorias, para que mais crianças possam passar por essa experiência de uma aventura às cegas.

Nesse aspecto, ressaltamos a necessidade de ampliação e desenvolvimento do projeto em outras instituições, para que mais alunos possam estar conhecendo e vivenciando o outro, reconhecendo suas necessidades e potencialidades.

Referências

BAKHTIN, Mikhail V. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BETTELHEIM, Bruno. A psicanálise dos contos de fadas. 11.ed. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1996. p. 11-43.

DUARTE. F.R.; MIRANDA. J.G.V 2011. O Geoparque Araripe como pólo difusor do conhecimento no semiárido nordestino. *Perspectivas em gestão e conhecimento*,1(2):249-265

VEIGA, José Spinola. A vida de quem não vê, 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1946.

LIVRO-Geopark-Araripe-Histórias-da-Terra-do-Meio-Ambiente-e-da-Cultura.pdf Acesso em: 31/07/2018

<http://geoparkterrasdecavaleiros.net/pt-pt/content/o-que-%C3%A9-um-geoparque> Acesso em: 31/07/2018

SILVA, Ana Araújo. Literatura para Bebês. Pátio, São Paulo, n.25, p.57-59, Fev/Abr. 2003

Silveira A.C., Silva A.C., Cabral N. R. A. J., Schiavetti A. 2012. Análise de efetividade de manejo do Geopark Araripe – Estado do Ceará. *Geociências*, **31**(1):117-128.

VILAS-BOAS. M. P. 2012. Patrimônio paleontológico do Geopark Araripe (Ceará, Brasil): análise e propostas de conservação. 2012. Universidade do Minho 196p.(Dissert. Mestrado)